PVRAS VERDADES DA MVSA PORTVGVEZA.

COMPOSTAS POR HVM Curioso Portugues.

OFFERECIDAS A SANTO ANTONIO

Com todas as Licenças necessarias,

EM LISBOA

Na Officina de Lourenço de Anueres.

Taxãose estas oitauas em 14. reis Lisboa 10. de Dezembro de 1641
Ribeiro, *Coelho.*

2/S138

Agides bellas, Luſitanas Muſas
Atè qui retrahidas, & confuſas
Deixai, deixai as liquidas moradas
E ſahi coroadas
De perolas, corais, & verde limo:
Portugues plectro ſeja voſſo arrimo,
Não Caſtelhana lira
Naõ comica mentira
De hum Rey remunerada
Mais eſtimada delle que a eſpada.
Agora pois que liures de tormenta
A Luſitana praia vos alenta
Liures do mar irado
De hũ gouerno ſem Rey, de hũ vão eſtado
De hũ Cõde mais que barbaro, & tyrano
De hũ Rey adormicido em doce engano,
De hũ ſecretario vil, ſeu conſelheiro,
Que ao mais alto ſobio por lizonjeiro
Com malicia, com manha, & comcautela,
E hoje por mal dos bõs priua em Caſtella:
E hum miniſtro deſte ſeu parente
Seu executor mòr, & ſeu agente
Que por depender delle
A os Fidalgos diſpir queria apelle,
Mas na meſma moeda lho pagaraõ
Pois domais alto cume odeſpenharaõ:

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

3|S128

E em couro, ao pouo o derão otomaſſẽ,
E aquem eſfolou tantos eſfolaſſẽ,
Chegando aſer na morte
Infame eſpelho da mais baixa ſorte.
Agora que tomais porto ſeguro
No brio Portugues muſas que apuro
Em defenſſão da Patria, em mar aduerſo
A anchora a ferrai de mordax verſo;
Pizai dourada area,
E em porto ſaluo jà a Luſa vea
Digo auerdade que atè qui em cubria
Naſceſſe de reſpeito, ou couardia
Compatrio eſtillo, ſe iocoſo, graue
Abra eſta gloria Luſitana chaue.
Portugueza eloquencia corra vfana
Que jà não reina alingoa Caſtelhana,
Em porto ſaluo eſtais, tomai alento,
E dando ſuſpenſão ao vago vento
O q̃ a Portugal moue, a ſangue, & fogo
Que oreſtrais, ò Tagides, vos rogo
Ao rcgio paſſo, à corte Caſtelhana
Parti com confiança Luſitana
Entrai com humildade
O decoro guardado a Mageſtade
Do grão Philipe, Rey, q̃ foi de Heſpanha
E cõ voſſa propria, não cõ lingua eſtranha

lhe

Lhe falai em poetica lhaneza,
Por ſatisfaçaõ paſſe portugueza
Inda que aos ſeus proprios mal aſeito
Como a Rey lhe falai, & com reſpeito
(Iſto dizeruos poſſo)
Como a Rey ſim, mas naõ como a Rey voſſo,
Se a rezaõ vos compelle,
Porque naõ podeis falar com elle
Sem primeiro falares,
Ao Conde Duque, & ſeu Diogo Soares,
Começai a falar aos dous priuados
Que Heſpanha mereceu por ſeus peccados
E ſeja ſem reſpeito, & cortezia,
Que o decoro naõ he da tyrannia,
Plectro deſtemperado,
Ruſtico accento, & verſo mal limado.
Duque tyranno Conde deſhumano
De Heſpanha aſoute, Nero Caſtelhano
Pera os teus abrazares
A borto vil da caza de Oliuares,
Aſpide mal timido
Em flores de lizonjas eſcondido:
Veneno diſfarçado
Com maſcara de amigo, & de priuado:
Perfido, liſongeiro
De hum deſcuidado Rey deſpenhadeiro

4/S138

Inimigo de Espanha, & da verdade,
Origem da discordia, & da maldade
Escuta Conde fero
As nouas que do Reino darte quero,
O que em Purtugal passa
Bem sei que a noua desta ves te embaça,
Se tudo jà não sabes pellos ares
Por virtude dos teus familiares,
Jà o tempo he chegado
Em que Portugal mostra que he sóldado
O esperado seculo ditoso,
Em que Portugal mostra que he briozo
Tudo por permissão do Rey Eterno
A hũ relogio comparo o teu gouerno,
As tuas ordens locas
Oppressois muitas, & merces bem poucas
Em Portugal teus mandos taõ aceſos
Não relojo depeso, mas depesos,
Com pesos de tributos
Pois quebra acorda por lhe pores muitos.
As rodas singulares
Eras tu o Cõde impio, e teu Diogo Soares,
Pois pera destruir Hespanha toda
Andaueis ambos com acabeça à roda
Sem conselho nenhum desgouernando
Del Rey o regio sceptro, & regio mando

Que amostrador deste relogio era
A séta nelle opouo consídera,
Que apontaua conforme todos viaõ
Os pontos a que as rodas omouião
E pera serem as horas bem soadas
O Vas consellos daua as badeladas.
Não vos dè Senhor Conde isto cuidado
Que jà por Portugual iaz desmanchado,
Que horas naõ dè jà mais estou bem certo
Porque em taõ grãde aperto, & desiõserto
pera acudir abũa, & outra banda
Inda que a séta aponte, ella naõ anda
Com isto Senhor Conde mais não digo
Iàno que vedes tendes o castigo:
Couisso inda que sou tão seu contrario
Quero falar ao voso secretario;
Contigo falo Portuguez priuado
Indigno jà de nome tão honrado,
Pois sangue Portugues caber não pode
Em quem da patria o jugo não sacode
Antes como traydor lhe da mao trato
Com sua propria nação he mui ingrato;
Os teus aluitres vãos de que seruiraõ?
Que honra, gloria, ou fama conseguiraõ?
Que nome eterniza ste vil infame
Que assi he bem te chame,

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Biblioteca Central
5/S138

Porem que acção faria glorioza,
Quem se juntou com sangue do Barboza
Teu sógro foi, & não me marauilha,
Que te desse por dote com sua filha
Males sim, q̃ em Hespanha todos chorão
Que não bens de raiz, nem mouens forão,
Maldades que em quadernos asentaua
E contra a patria, & ley suttilizaua
Mas porem se he q̃ alguns odote tachão
Na fazẽda de hũ mao, s̃ males se achão,
Por esta herança, & dote tens sobido,
Medrando com augmẽto de valido,
Que so medra na Corte Castelh. na
Quem mente, lizonjèa, & quem engana,
E quẽ s̃o do bem commum he inimigo
Que quem por elle falla tem castigo,
E pena de desterro;
Ay da corte em que a obra boa he erro!
Com teu amigo o Conde te ligaste,
E o que não era bem lhe aconselhaste
Tudo pera subir por lizonjeiro
Com capa de virtude, & conselheiro
Em leis tyrannas era o teu estudo:
Foste vil, contra os teus, ligista agudo,
E nos liuros de teu sógro em que anogaste
Pois por elles de mao te agraduaste

De hũ Conde examinado
Porque cathedra leues de priuado
De hũ Conde, que te fez mil cortezias
Pera leres de prima, em tyrannias;
E porque Vasconsellos teu parente
Foße deuespera em Lisboa lente,
Porem jà o castigo.
No que no Reyno ves tens inimigo,
E ainda não esta cheo,
Porque arreceo jà, porque arreceo,
Que aquelles que auexais na gouernãca
Executem em vos iusta vingança
Caindo sobre vos tantos castellos,
Que fação o que fizerão a Vasconcellos:
Por que se osim contemplo
Moue ao animo muito, hũ iusto exemplo.
Não digo mais, so te direi aleiuozo
Que Deos he iusto, & Portugal briozo:
Hũ mao na terra nunqua permanece,
Hespanha te aborrece
El Rey estâ enganado,
O Conde estâ com todos odiado
Tu do Conde dependes, nelle estribas
Em Portugal as armas estão vivas:
Attenta o que passou por teu parente
Exemplo ay euidente

Biblioteca Central Faculdade de Filosofia e Letras
6/S138

Contra maos nenhum animo he couarde:
Acõsequencia infere, & Deos te guarde.
Musas agora ao Rey ide chegando
E confiadas entrando
No Real appozento
Fazendolhe diuido acatamento
Ao parlamento todo
Começai com concerto, & deste modo.

1

INfelice monarcha Rey de Hespanha
A quem o Ceo Imperios cõcedia
Em quãto Phebo doira, e doris banha
A onde nasce, & aonde espira o dia:
Se attento o vosso ouuido não estranha
A verdade, que nunqua percebia,
Nouas vos quero dar, inda que duras
Não vans lizõjas, mas verdades puras.

2

Da vossa monarquia a nao potente,
A quem o uento, & mar tinhão timido
Repentina, & fatal tormenta sente
O Austro brama, & sopra rijamente
Acordai, acordai ao mal presente
Descuidado piloto adormesido
Por que o mar se embraueße, a nao periga
E o Ceo com tempestades vos castiga.

Sereas aos ouuidos vos cantaraõ
Lizonjas, Rey, do Conde voſſo amigo,
E ao ſono os ſentidos vos ataraõ,
Pera que da nào naõ viſſeis operigo:
Lizonjas que de vos ſe apoderarão
Lançai de vos; temei fatal caſtigo,
Mas ay! que inda q̃ agora fujais dellas
He tarde jà, pera amainar as vellas.

4

O uento creçe, & ſopra rijamente,
O norte errou o meſtre lizonjeiro,
Ià arrojaraõ ao mar por imprudente
A Vaſconcellos voſſo marinheiro
Acoſſa a nao impetuoſamente
Por hũa ilharga, & outra o mar ligeiro,
A tempeſtade crece, o Ceo irado
E jâ o maſtro grande eſtà quebrado.

5

Perdei de Portugal as eſperanças
Que jà nelle apromeſſa cumpre Chriſto,
Que fez a Afonſo entre moiriscas lãças
Em viſaõ milagroſa do Rey viſto,
O Ceo, o Ceo alenta eſtas mudanças
De todos he o Reyno o mais bem quiſto,
Obrio Portuguez, o Rey amado
E vos eſtais com todos odiado.

7/S138

Do amigo que acclamastes verdadeiro
Vos podeis queixar, regia magestade,
E de hum que por roubar noſſo dinheiro
Cõtra a patria ſe armou, cõtra a uerdade:
Eſtes dous com eſtillo lizonjeiro
Sò pera grangear voſſa vontade
Alteraõ o Reyno, dando â eſpada,
Que a naçaõ Portugueza naõ ſez nada.

7

Culpai a cauſa ſim, não os effeitos
Que della nacem neceſſaria mente,
Dous traidores da patria mal aceitos
Origem foraõ do que Heſpanha ſente,
Contra peitos leais, Fidalgos peitos,
Lanças embotaõ taõ injuſtamente,
Que o Reyno, q̃ o valor da vida entẽde
Pera que lha não tire ſe defende.

8

Treição naõ he, valor he generozo,
Prudencia ſúmma, & natural deſenſa,
Ninguem por ſer conſigo riguroza
Permitte proprio dano, & propria offeſa;
Contra vos naõ ſe armaõ Rey famozo,
Por uiuer ſim, que arezaõ diſpenſa
Como o que mata outro por reſgate
Naõ por matar, mas para q̃ o naõ mate.

Pere-

Peregrino de luz vezes sesenta
Em aposentos doze hospedado
Estradas de safiras, que frequenta,
Girou Phebo, & pizou com pè dourado,
Depois que ao sceptro Portugues violẽta
Castelhanò grilhaõ, jugo pezado,
E hoje Deos que o seu Reyno vio aflictò
O quer liurar do Hespanhol Ægipto.

10

Hoje o liberta, porque goze vsano
Fructos de promissaõ, bem promettido
Ao primeiro Afonso Lusitano,
Que hoje começa a ser fauorecido
Que ainda que o sceptro Castelhano
Lhe impida tanto bem enfurecido
Deos nos ade leuar triunfando muito
Por vosso marvermelho apè enxuto.

11

Pellas ondas do sangue de Castella
Dõde os vossos espirẽ, & os nossos cãtem
Alegre o Reyno ao lustre antigo anhela,
Pera que os seus Sansões Leões quebrãtẽ
O que he seu vai buscar, naõ se rebella
Assi vossos Castellos nãò se espantem,
Falte oque foi por força dominado
Pois dura pouco o bem, que he violẽtado

8|S138

Se o Reyno pormettia em iuramento
De vos guardar leal obediencia,
Vede o voſſo real promettimento,
E achareis da deſculpa a euidencia
Prometeſtes, Senhor, no regio aſento
De guardar a eſte Reyno, ẽ voſſa auzẽcia
Priuilegios reais, & liberdades
Sem titulos, penſoens, & crueldades.

13

Priuilegios dos Reis ante paſſados
Quebraſtes, àuexando o Reyno quieto,
Não culpeis logo aos voſſos, ſe alterados
Quebrarão promeſſas com valor diſcreto.
A fè que prometeſtes ha faltado,
Que falte pois em nòs he iuſto e recto,
Pois por direito he bem que ſe celebre
Que à quem quebrar a fè. a fè ſe quebre.

14

Quem auerà que diga, & rezão tenha
Que he bẽ que a fè de ẽpenhos bẽ nacidos
Em hum Rey bem ſeruido afaltar venha,
E não falte em vaſſalos opprimidos,
Não he iuſto que hũ Reyno vos cõuenha
Que querem deſtruir voſſos validos,
Vos oquizeſtes, chega anoſſa hora,
Pois vos ſofremos tanto, ſofrei agora.

Vos Senhor oquizestes descuidado,
Pois no Real gouerno adormecestes
Atalaya fazendo de hũ priuado,
Cõ dous Neros, q̃ cõtra a patria erguestes.
Voſso descuido, o Ceo ha castigado
Pois a deleites vaõs obedecestes,
Naõ aò preceito que â rezaõ tem posto
Ao Rey que aſeus pouos quer dar gosto,

16

O Primeiro motor que tudo abarca
Ao homem primeiro imagem ſua
Dos animais conſtituio Monarcha,
Para que vniuerſal ſceptro poſſua:
Pecca Adam, & ameaça a fatal Parca
No uital fio donde o homem ſua,
Depois enganou a companheira,
Em exhibir opomo lizõjeira.

17

O leaõ que atè li humilde era,
O dragaõ manſo, o Tigre amorozo,
Cada qual delles com brauezza fera
Contra ſeu Rey ſe aſanha impetuoſo,
Aterra ſe abalança, o mar ſe altera,
A noite eſtende o manto tenebrozo
Atè que o ſeraſim cõ ignea eſpada
Do Paraizo o lança & nega a entrada.

Preceito do Ceò he que a rezaõ dita
Que hũ bõ Rey naõ durma, ẽ seu estado
Ea doces pomos, a que o gosto excita,
Naõ entregue os sentidos descuidado:
Hum engano fatal vos precipita
Rey Philippe, do vosso grão priuado
A mentira da noza, & lizonjeira
Em os vossos dileites companheira.

19

Com o doce pomo de hũ retiro alto
Vos enganou, & lizonjeou o gosto,
Ficando Portugal do summo falto
Paraizo, em que Deos vos tinha posto;
Alteraſe o Frances. & de hũ asalto
Contra vos se arma com irado rosto
O Catellão se asanha de opprimido,
O Olandes marcha, o Papa està offedido.

20

Hoje hum Rey Portugues do Ceo mouido,
Anjo na condiçaõ, saber, altura:
Do fresco Paraizo tam querido,
Em que sentis tal fruito, & tal doçura.
Vos laça, Rey, de Hespanha adormecido
Com espada flamante em que se apura
O amor Portugues, que o Reyno accende
Se imflamado do Ceo, seu Rey defende

Ao Ceò offendeo voſſo deſcuido,
Pois delle tantos males reſultarão,
Voſſo conſelho a cauſa foi de tudo
Principalmente os tres que gouernarão,
Elles por voſſo mal vòs tinhão mudo
Elles erão os Reys, elles reynauão,
Vos ſò na ſua voz de ecco ſeruieis,
Pois o que pronunciauão referieis.

22

Pazes com o Olandes voſſo pay tinha,
E vos da por conſelho voſſo amigo
Que ter com elles paz vos não conuinha,
Sendo a guerra do Ceo ſempre caſtigo:
Que Cidade, que Reyno a fuſſer vinha
Dominio immortal, por guerras digo,
Carthago o teſtifique, & Troja antiga,
Que não ganhòu a paz, Veneza o diga.

23

Tomauos do Brazil a maior parte
O Olandez com repentino aſſalto,
Tremòla no recife o eſtendarte,
Que por afronta voſſa ſe vio alto,
Vence inflamado do furor de Marte
De gente ſy, não de conſelho falto
E uos fazeis, ſem que temais o tiro,
Comedias em os tanques do retiro.

10|S138

Contra Hespanha o Frances as armas toma
Peleija, arraza, cerca, ferè, mata,
Despoja, assalta, vençe, rende, doma
Acomete, destroe, & desbarata,
Pera que a soldadesca vista, & coma
Dos vossos galeoens he pouca a prata,
Tudo auexaçoens são fintas tyrannas,
E em Madrid correis toiros, iugais canas

25

A India Oriental enfraquecida,
O Olandes entropa della se apodera,
A vossa armada do Frances timida,
Que escandalo, & temor das ondas era,
Abrazada se uio, & consumida
Quando acclamar naual vitoria espera,
E vos, em o retiro recolhido,
Sobre o gouerno estais adormicido.

26

E quando em doce cama descuidado
Em a noite em que agula altera o gosto
Fostes do brando sono lizonjeado,
Pera vos lizonjear sempre disposto,
Sobre ouosso vergel, retiro amado,
Fogo o Ceo lança com irado rosto,
E não escaramentou vossos amigos
Que hũ mao, tẽ por desgraças os castigos

Anuncio foi, este fatal succeſſo,
Do que hoje em voſſos Reynòs aconteſe
Pois por voſſo gouernò ſempre aueſſo
Voſſo deleite em Portugal pereçe
O Catalaõ, com marcial exceſſo,
Contra voſſo conſelho ſe enfurece,
O Ceo vos auizou, ſeuos contraſta,
Mas para hũ deſcuidado, o Ceo naõ baſta

28

De Nabucho ſeu pay o ceptro herdado
Balthezar poſſuia Rey potente,
Do pay aquem Deos tinha caſtigado
Quando ſeu pouo ò catiueiro ſente
Em eſplendida meza regalado
Mão na parede, vio, que irada mente
A ruina aſeus Reynos lhe eſcriuia
Mas Baltezar as letras naõ entendia.

29

Vieraõ os do conſelho, & oſintido
Interpetrar das letras naõ ſo uberaõ,
Foi Daniel chamado, & eligido;
Delle auerdade todos perceberaõ:
Foi neſta acçaõ do Rey mal recebido,
Perde ſua graça, os ſeus o aborreſeraõ,
E embreue tempo o Reyno vio aſſolada
A ſua Monarchia mal fundada.

11/S138

E hum Rey, em dilicias descuidado
Auizos lhe dà o Ceo, que o Rey ignora
O eborense o diga aleuantado,
O Fogo no retiro, o Catalaõ, agora
Letras saõ com que escreue o Ceo irado,
Mas falta hũ Daniel, Hespanha o chora
Mas ha Reys q̃ por descuido tãto erraõ,
Que se pregais verdades, vos desteraõ.

31

Com tres letras o Ceo vos auizou,
Com Euora, com fogo, eo Catalão,
Vosso conselho em nada se aplicou
Contra os fidalgos apertais amaõ
A auexaçaõ no Reyno naõ sesou,
Pello acabar vrdis noua inuençaõ,
Ià hoje começais a enfraquecer,
Que tẽdes, Senhor, muito em que entẽder

32

Vosso conselho só nisto he culpado,
Delle se queixa, o Reyno Lusitano
Ese vos culpa he por descuidado,
Naõ vos culpa por mao, nẽ por tyranõ,
Detres priuados fostes enganado
Destes ao Reyno veio todo odano
Porem ministros maõs que otrato liga,
Que naõ faraõ, se dorme quem castiga.

Voſſos Reynos por elles aſanhaſtes
Por ſuas ordens de ambiçaõ nacidas
As rendas aos Fidalgos cerceaſtes,
Deixando ſuas cazas deſtruidas.
Iuros que lhe naõ deſtes lhe tomaſtes,
E depois das fazendas conſumidas,
As peſſoas querieis com cautela
Pera eſpremeres todos em Caſtella,

34

Porem ſe jà infere bem meu ſilogiſmo:
Mais val em Portugal morrer hõrados,
Do que hir ver aſdeſordens deſe abiſmo,
Do patrio Pàraizo deſterrados,
Hir apeleijar fora he barbariſmo
Fidalgos que na patria ſaõ ſóldados,
Quem Rey natural tẽ, & cauſa juſta
Naõ buſca Rey eſtranho, & guerra injuſta

35

Naõ ceſou niſto naõ, atyrannia
E de voſſos tres priuados inſolentes
Com males auexauão cada dia
Os pouos, que calauaõ obidientes.
E ainda que moſtrarão valentia,
Nunqua os piquenos morrem de valẽtes
Porque nos grandes o reſpeito brilha
Equem tem ſuperior logo ſe humilha.

12/S138

Mas não parou aqui tanta impiedade
Chegarão estes tres Neros lizonjeiros
(Execução infausta, gram maldade)
A cercear os iuros aos mosteiros
De dinheiro roubarão quantidade
As religiosas (santos conselheiros)
E porque seu bom zelo mais seueja
Querẽ os bens das capellas, & da Igreja,

37

De Christo he o Reyno, aquẽ suas chagas deu
E em fauor da Igreja dizer posso
Que he bem vos tire Christo hoje q̃ he seu
Pois lhe quereis tirar o que não he voſso.
Mà conta dais do que aguardar vos deu
Sendo seu thizoureiro (se Rey nosso)
Mas vendo em vos conselho tão cruel
Faz outro thezoureiro mais fiel.

38

Voſso conselho com mandado expreſso
De Portugal hũ colleitor tirou,
Quem leo, & obedeceo, não fez, exceſso,
A culpa toda tem quem o mandou:
Porque he voſso gouerno tão aueſso
Que por aueſso jurisdiçois trocou,
Quer que no secular a Igreja esteja,
E tenha o secular mando na Igreja.

E porque mao gouerno em tudo ouueſſe
Os ſoldados por cuja valentia
Em hum Rey a Coroa reſplandece,
Pois neruos ſão dè toda Monarquia
Tão mà paga conſiguem, que parece
Que os ſeruiços que tem, não tem valia,
E aſſim vos ſerue o que hoie he aliſtado
Como quem na gallè rema forçado.

40

E porque ſejão pouco agradecidos,
E no ſeruiço voſſo a eſfriar venhão,
Se ſatisfeitos ſão dipois de ouuidos,
Pagão mea natta, porque apaga tenhão
Merces não ſão os bens que ſão vendidos
E aſim quãtos ẽ Marte hoie ſe ẽpenhão
Quando apaga pedião, duuidauão,
Se amerecião, ou ſeuola comprauão

41

De titolos, & rendas deſpojado,
Depois de vos ſeruir com roſto ledo,
Foi ſem culpa dos voſſos afrontado
O voſſo grão Fradique de Tolledo:
Aquelle general, tão grão ſoldado,
Que ſò com onome punha a Olanda medo
Atè qne amorrer veio da ferida,
Quem em vezes tãtas pospor vos auida

13/S138

Mas que muito, Senhor, que assim passase
Não me admiro de nada, nem me espãto
Que general vassalo vos mataße
Quẽ vos matou Phelippe hũ Irmaõ sãto
So pera que verdades naõ falaße,
Temeraõ pois que adescobrisse tanto
Que caiße odeficio seu nochaõ
Se falaße com vosco, como irmaõ.

43

Estes sãõ, Senhor, vossos consélheiros
Que se de antes, não fostes informado
Iá podeis ver como eraõ Lizonjeiros,
Como ereis por lizonjas descuidado
Iá Portugal tem Rey, braços guerreiros,
Iâ com isto estareis dezenganado,
Mas q̃ pouco aproueita (Deos vos guarde)
Hum dezengano, quando chega tarde

Om isto amadas Musás
As regias salas deixareis confusas,
E logo com audacia Luzitana,
Vos despedi da corte Castelhana,
Naõ vos detenhais nella,
Em Portugal entrai, deixai Castella.
Pera cantar as Lusitanas glorias,
Deixai sátisfaçois, cantai louuores

Que verdade, em poeticos rigores
Quando menos se alargaõ
Se recreaõ a huns, a outros amargaõ.
A Portugal chegai, entrai vfanas
Pellas ruas, & praças Lusitanas,
Do reyno de Portugal cantai a gloria,
Pois pera eternizar Real memoria
Phenix hà renacido
Depois de abrazado, & consumido
Tomai alyra, em Portugal entrando,
Deixai oplectro rustico acclamando
A hũ Rey, que catiua hoie as vontades
Dizendo pellas, Villas, & Cidades,
Com brio Portugues com vos altiua
Viuà ElRey Dom Ioaõ, Portugal viua.

LAVS DEO

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
17
MAR.
41
Nº 2.613

14|S138

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central